

Câmara dos Deputados

Departamento de Taquigrafia, Revisão e Redação

Escrevendo a História - Série Estrangeira

**Discurso proferido na sessão de 19 de junho de 1984,
publicado no DCN de 20 de junho de 1984, página 1427.**

O SR. BELAÚNDE TERRY – Exmo. Sr. Presidente do Congresso Nacional; Exmo. Sr. Presidente da Câmara dos Deputados; Excelência. A vida pública tem, como bem sabemos, muitos dissabores e algumas grandes compensações. Ontem, um pôr-do-sol na Praça dos Três Poderes, em Brasília; hoje, um amanhecer no Palácio da Alvorado, finalmente, agora, perto do meio-dia, esta comenda, que se vem a constituir e num testemunho não mais dos meus escassos méritos, mas de cálida amizade do Brasil por minha pátria, e especialmente de sua instituição tutelar – o Congresso.

Agradeço profundamente esta dupla honra, que enaltece a minha pátria e que me emociona. Agradeço a oportunidade de poder dirigir-me aos Srs. Senadores e Deputados neste recinto de leis, num momento delicado para o mundo no qual, pelo seu vigor, pelo seu significado histórico, por sua presença geográfica, corresponde ao Brasil uma das responsabilidades maiores e complexas.

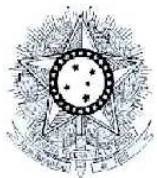
Por isso, julgo oportuno este encontro, esta visita a esta formosa Capital, que tanto conhecíamos por livros e pelos planos e que agora temos a satisfação de vê-la vívida, não somente como ontem, em sua estrutura física, mas também com as palpitações da alma brasileira.

Este é um momento de enorme preocupação para o mundo, mas no meio de tudo isso se incorre em certos exageros: fala-se muito do que devemos, mas não do que podemos. Há uma tendência de valorizar os vencimentos, mas não a realidade do esforço, não o impulso para ressaltar as riquezas, não só em nosso próprio benefício mas também em benefício da humanidade, em sua maior parte faminta e esperançosa neste novo mundo.

O Brasil é admirável pelo que fez e pelo que se propõe a fazer. Suas obrigações creditícias ou financeiras, por maiores que pareçam, são, na realidade, insignificantes frente ao destino que está cumprindo e que ainda lhe está reservado.

Basta chegar a este país, basta sobrevoar seus extensos domínios, basta chegar a esta Capital pujante para dar-se conta de que este país não pode estar em crise, porque é um país que tem muito a oferecer e que quer oferecê-lo para a humanidade. (Palmas.)

O Peru vem a Brasília com a satisfação de poder dizer que atendeu a seus



Câmara dos Deputados

Departamento de Taquigrafia, Revisão e Redação

Escrevendo a História - Série Estrangeira

próprios e peremptórios problemas, mas sem desvincular-se do futuro, porque ainda que este futuro esteja próximo, e a responsabilidade governamental estará em outras mãos, não podemos nos distanciar do que vai ocorrer quando concluímos nossa missão governamental.

Além disso, da cadeira presidencial, de acordo com a Constituição, baixaremos para a curul de Senador, o que criará, com os representantes do Brasil, uma ligação permanente, o que para mim será gratíssimo e, sobretudo, honorríssimo.

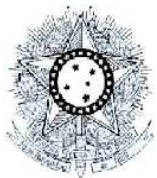
Este futuro pede a conjugação de vontades, a união dos nossos governos, e me apraz poder dizer que encontrei uma acolhida tão fraternal e compreensiva no Presidente Figueiredo, porque ele compartilha deste ponto de vista e creio que me permitirá que dê uma versão muito pessoal do que escutei dos seus lábios: a de que os países têm que enfrentar e resolver seus próprios problemas, mas sem esquecer, no cado latino-americano, que formam parte de uma grande família.

Evidentemente, chegou a hora de reunir o conselho desta grande família, e neste sentido o primeiro passo é, sem dúvida alguma, a reunião em Cartagena, convocada por quatro mandatários, entre eles o Presidente do Brasil, para esboçar um programa de ação imediata. Desde logo, não vai haver nenhum caráter excludente, vão reunir-se várias nações além das nações promotoras do encontro, e, evidentemente, vai-se chegar, sem dúvida, a um âmbito maior, sem nenhuma exclusão, onde o futuro dos nossos povos possa ser colocado não em atitudes arrogantes ou em atitudes de protesto, mas em atitude visionária, para pôr nossos países em condições de dar de si tudo o que pode, em seu próprio benefício e em benefício da humanidade.

Vamos, pois, acorrer ao encontro de Cartagena. E o Primeiro-Ministro e Ministro de Relações Exteriores, Senador Sandro Mariate, que me acompanha, vai passar de Brasília a Cartagena, para cumprir esta missão onde, estou seguro, as colocações peruanas vão coincidir plenamente com as desta grande Nação irmã que é o Brasil.

Mas pensando em um futuro mais distante, na solução definitiva, na valorização de nossos recursos, temos que elogiar, em primeiro lugar, o que o Brasil já fez: a titânica tarefa de tomar posse de seu próprio território.

Nós, na região andina, seguimos este esforço com grande interesse e com um espírito de fraternidade e de admiração. Nós mesmos, há 20 anos, propusemos às nações que hoje constituem o Acordo de Cartagena, que nos reuníssemos para fazer uma obra comum na tomada de posição plena da vertente oriental dos Andes, onde, em



Câmara dos Deputados

Departamento de Taquigrafia, Revisão e Redação

Escrevendo a História - Série Estrangeira

todos os países, existiam colonizações abnegadas, pioneiros, missioneiros e soldados, mas onde as riquezas não estavam – e ainda não estão – plenamente exploradas em benefício do todos.

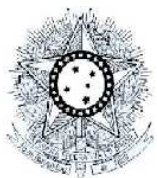
Por isso reuniram-se os Ministros de Obras Públicas e esboçaram o plano que chamamos de “A Estrada Marginal da Selva”, cujo objetivo principal é criar um habitat que ofereça um futuro melhor às nossas provações e que cumpra aquele lema do nosso próprio movimento, isto é, que “a cada novo clamor de vida humana corresponda na terra um novo broto de vida vegetal”.

Desde a época dos Incas, sabemos que o que significa o problema de abastecimento. Eles tinham uma intuição da inquietação de Malthus, e tiveram que esboçar esta teoria de abastecimento decrescente – decrescente se mantemos estáticas nossas áreas de cultivo, enquanto se multiplica, por explosão demográfica, a população.

Não poderemos desaproveitar a terra. O Peru é um país de muito espaço, mas de pouca terra cultivada. A costa foi comparada a uma espécie de pequenos egíptios, muito árida, com falta de água, como ocorre aqui, dramaticamente, no Nordeste brasileiro. Talvez este duplo esforço do Brasil e do Peru possa apressar, com uma aproximação e uma coordenação maior. Mas assim como falta água na costa, sobra na vertente oriental dos Andes, onde correm as águas batismais do Amazonas. Ali, a água existe, mas o colono, por falta de viabilidade, não a aproveita plenamente. Por isso o projeto da Marginal da Selva, que pretende incorporar aquele grande arco de círculo, que se tem chamado Anfiteatro Andino, tem a mesma magnitude – ainda que distintas características – do grandioso projeto brasileiro da Transamazônica, das vias suplementares e perimetrais, que são vias que se abrem, fundamentalmente, na planície, em terras baixas.

Na realidade, essas duas regiões – a andina e a amazônica – têm esta característica, que nos permite compará-las a um teatro ou com este recinto: a planície amazônica, na platéia, a maior parte sob domínio brasileiro; e as galerias, os balcões, no pé do monte andino, no anfiteatro que, por sua altitude, compensa a latitude; que por sua altitude oferece um clima já de rigor tropical, já não de planície amazônica, mas um clima tão ameno, um clima tão agradável como o que desfrutamos em Brasília, a mil metros de altitude.

Se fizermos uma curva de nível desde a Cordilheira de Barinas, na Venezuela, passamos pelos Andes na Colômbia, no Equador, na Bolívia, até Santa Cruz, encontraremos lugares ecologicamente similares a Brasília, com um clima muito bom,



Câmara dos Deputados

Departamento de Taquigrafia, Revisão e Redação

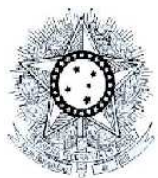
Escrevendo a História - Série Estrangeira

com uma paisagem muito bonita e um excelente habitat humano. Mas, além disso, há uma característica que é fundamental em nosso tempo: é a região mais bem – dotada em energia, talvez em todo o mundo – petróleo em Maracaibo, na bifurcação final do sistema andino; petróleo no Orenoco; na planície colombiana, o mar recém-descoberto; em Saravena, perto de Arauca, é muito alentador; petróleo no Equador, no Lago Ágrio; e no Peru, no rio Tigre; correntes em Ucayali; gás na cabeceira do Urubamba, o Vale Sagrado dos Incas, até culminar no grande centro de gás boliviano de Santa Cruz de la Sierra.

A isto há que se acrescentar um elemento fundamental, elemento que interessa de maneira especial ao Brasil, que pelo seu próprio esforço e pela sua própria habilidade, se converteu em país líder da eletrificação: o Amazonas nasce, como bem sabemos, no cume dos Andes. Ali está a sua pia batismal, o maior dos rios, que tem sua origem nas alturas e suas águas rompem as cordilheiras para passar à planície amazônica. Cada corredeira, cada passagem estreita e perigosa do rio, seja a do Aguirre, seja a de Mainique ou a de Manseriche, representa dois ou três milhões de kilowatts desaproveitados. Não há lugar, no anfiteatro andino, onde não se possa instalar uma hidrelétrica, grande ou pequena. No caso do Peru, nossa energia instalada talvez seja uma décima parte da do Brasil, talvez menos, quem sabe uns 8% do que tem instalado o Brasil, mas podemos multiplicar por cinquenta a quantidade de energia a ser gerada. Há três milhões e trezentos mil kilowatts instalados, mas há sessenta milhões de estudos de factibilidade para energia hidrelétrica a gerar-se, em sua maior parte no anfiteatro andino. E isso só no Peru, para não falar na situação similar do Equador, da Bolívia, da Colômbia e talvez também da Venezuela.

Este futuro energético – diria melhor, esta realidade energética – com um horizonte elétrico, significa um campo de colaboração excepcional com o Brasil, porque o Brasil se colocou em uma posição de liderança, não só por estarem aqui obras tão monumentais, ainda que difíceis e sempre sujeitas a discussões e críticas, como Itaipu e Tucuruí, senão porque o aumento da geração de energia foi realmente arrojado nos últimos anos, e porque nossas populações, especialmente os camponeses, reclamam, cada dia com mais insistência, a eletrificação rural, única maneira de poder cumprir a grandiosa tarefa de alimentar a seus povos e de contribuir para a nutrição mundial.

Estamos empenhados em ver o desenvolvimento deste continente sobre um mapa físico, não sobre um mapa estritamente político, porque a planificação continental não é a soma das planificações nacionais, há um enfoque continental, do qual devem derivar-se



Câmara dos Deputados

Departamento de Taquigrafia, Revisão e Redação

Escrevendo a História - Série Estrangeira

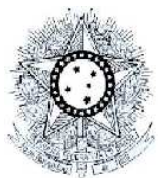
todos os planos mestres. É por isso que nos interessa fundamentalmente a rede fluvial, que é tão imensa, não só a que é navegável por navios de grande tonelagem – o que é muito apreciado -, mas também o que é explorável por embarcações menores.

Recentemente, no Peru, chegamos, por estrada, a dois pontos, dois portos fluviais que significam para nosso País incorporar um vale tão grande como o Vale do Danúbio, porque ao chegar a esses portos fluviais por canoas e embarcações menores, tem-se acesso a uma série de afluentes, que somados dão os três mil quilômetros que tem o Danúbio, rio vivificante de seis nações européias, e a uma distância que é a mesma que cobre, a vôo de pássaro, Brasil e Lima.

É incrível o que se pode conseguir pela via colonizadora, como se podem estender-se as áreas agrícolas e como se pode cumprir melhor a grande tarefa de contribuir para a nutrição nacional e, talvez, no futuro, e em maior medida, a internacional. Por isto, tenho em minha mesa de trabalho os planos de desenvolvimento do Brasil junto aos do Peru, porque nossas viabilidades têm de estar entrelaçadas e coordenadas.

Recordemos nossas relações passadas: elas se concentravam quase todas no Amazonas, no acesso fluvial, em um ponto extremo do Peru. Agora, já conseguimos, ainda que precariamente, provisoriamente, uma ligação de vias de um dos ramos da Transamazônica, entre Assis e Inapari, para chegar a Madre de Deus, e daí à velha capital imperial de Cuzco. Hoje, já temos essa união, é possível unir a mais moderna e recente capital – a do Brasil – com a nossa capital da região andina – Cuzco. Mas isso ainda é de certa maneira acrobático, é uma tarefa para viajantes um pouco aventureiros, como eu, mas o caminho está aberto e nossos dois países resolvidos a aperfeiçoá-lo e completá-lo.

Mas esta união com o sul do Peru, que vem a equilibrar a união natural do Amazonas no norte, não deve ser a única, entre nosso porto fluvial de Puculpa, no rio Ucayali – rio mais ou menos como o Madeira, que ontem estava vendo em Porto Velho, mais ou menos dessas características – e Cruzeiro do Sul, há apenas 250 quilômetros, correspondendo a trechos mais ou menos iguais ao Brasil e ao Peru. O que são, para um sistema viário que tem cinco ou seis mil quilômetros, 200 adicionais? Isso permitirá uma ligação central com o Peru, quer dizer, o magno esforço horizontal do Brasil, através da planície amazônica, que se liga com o enorme esforço vertical do Peru, para vencer não uma, mas quatro cordilheiras paralelas, para vencer esta cordilheira com vias que a



Câmara dos Deputados

Departamento de Taquigrafia, Revisão e Redação

Escrevendo a História - Série Estrangeira

cruzam a 4.800 metros, no centro do País.

Isso sugere que se faça outra ligação, para utilizar a passagem de Porculla, que é a passagem mais baixa da cordilheira, no Peru, no norte, perto do Porto de Paita, a uma altura de 2.144 metros, isto é, um percurso muito mais fácil, sobretudo na órbita comercial, onde é muito importante não ter que vencer grandes alturas. E aí haveria uma grande diagonal entre um porto peruano e um porto brasileiro: entre Paita e Santos.

Não estamos falando, é claro, em vias pelas quais se vá fazer um trajeto turístico; estamos falando em estradas que vão ter, sobretudo nas fronteiras, uma concentração muito frutífera.

As povoações brasileiras, tão esforçadas, como Cruzeiro, Porto Velho e Rio Branco, podem receber muito do Pacífico, porque os grandes centros de desenvolvimento da Bolívia e do Peru estão muito pertos, enquanto que o Brasil industrial, nas proximidades de Belo Horizonte e de São Paulo, é um Brasil um pouco distante. Por outro lado, estamos desejosos de receber não só uma transferência de tecnologia brasileira, já aperfeiçoada, mas também uma série de produtos manufaturados, que são escassos nas proximidades de nossas fronteiras.

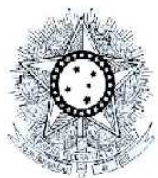
Assim, apresenta-se uma brilhante oportunidade para que este cruzamento do caminho da planície amazônica, que é a Transamazônica, se efetue com a Marginal da Selva, em Tingo Maria, e com a Estrada Pan-Americana, em Lima.

E todo esse sistema – o colonizador e o de comunicação – deve chegar ao maior número de portos fluviais, para somar à obra do homem, na viação que é tão custosa e difícil, a obra de Deus, no transporte aquático, que é quase ilimitado.

É chagada, pois, a hora em que essas aproximações já não sejam de ordem protocolar ou de uma família distanciada, que eventualmente se reúne em algum dos solares; é o momento de sentarmos para trabalhar coordenadamente.

Por isso escutei com especial satisfação e gratidão tanto o brilhante discurso do Senador Hélio Gueiros, quanto o do Deputado José Carlos Fonseca. Ambos me honraram não só pela suas concepções gerais, mas também por terem tido a gentileza de penetrar em alguns esforços concretos que realizamos no meu país.

Por isso, minha visita a Brasília não é a simples satisfação do irmão ou o gozo do arquiteto; é, sobretudo, uma visita de trabalho e de coordenação. E é neste sentido que ontem sustentamos uma longa e frutífera conversação com o eminente Presidente do Brasil, João Figueiredo, na qual encontramos muitíssimas coincidências.



Câmara dos Deputados

Departamento de Taquigrafia, Revisão e Redação

Escrevendo a História - Série Estrangeira

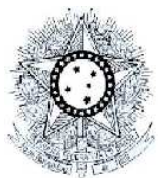
Permitam-me concluir com um elogio que não posso deixar de fazer, porque é o elogio do compatriota da América e do amigo: com que satisfação e com que orgulho latino-americano vimos, os peruanos, que o Brasil, em pleno Século XX, escreve, mais uma vez, seu nome nas páginas da história da cultura. Isso não é nada novo para nós, porque o esforço realizado em outras épocas, como o da arte de Ouro Preto – aquele barroco era brasileiro, não era um barroco que se pudesse confundir com outro – já conhecíamos. Apesar de ter um denominador comum, de caráter artístico, ele serviu para uma expressão muito peculiar, na qual o Brasil se identificou tão brilhantemente. Agora a história se repete aqui em Brasília: com críticas ou sem elas, com elogios desmesurados ou moderados, ninguém pode negar que este grande ato de audácia, de valor e de talento deixou profundas raízes não só no Brasil, mas em todo o continente.

Não há que se limitar a admirar suas formas, de se deleitar com seus acertos artísticos, com o esbanjamento de imaginação; há que ver, sobretudo, a missão cumprida. A América escutou a mensagem: era necessário volver os olhos para o coração do continente, porque embora eu respeite a natureza e deseje a sua conservação, não compartilho da idéia daqueles que crêem que a Amazônia dever ser somente um pulmão do Hemisfério e do mundo, mas penso que a Amazônia dever ser – e é – o coração de um continente. (Palmas prolongadas.)

Em 1963, quando cheguei ao Congresso e fiz o primeiro juramento de Presidente da República, entre muitos dos ilustres visitantes havia uma figura simpática e dinâmica, cheia de vida de calor humano – refiro-me ao Presidente Juscelino Kubitschek. (Palmas prolongadas.) Com que ele coragem empreendeu esta grande tarefa, na qual, desde logo, não há direito de autor, porque foram muitos os estadistas, os sociólogos, os geógrafos brasileiros que advogaram por este gesto centrípeto de tomada de posse do continente. Mas ele teve o valor de realizá-la! As idéias valem muito por si mesmas e também por quem tem o valor de executá-las, de pô-las em prática, expondo-se a toda classe de rumores e de críticas. Afortunadamente, o Brasil, a inteligência brasileira, a arte brasileira, souberam corresponder a isso.

Eu não quero dar uma longa lista de nomes, mas apenas mencionar alguns, de amigos que admiro. Lúcio Costa, que para mim é, no urbanismo, o que foi Picasso na pintura. (Palmas.) Homem de formação acadêmica profunda, uma vez adquirindo esta bagagem, soube liberar algo de si para a busca de uma nova arquitetura brasileira.

Oscar Niemayer, o grande artista (Palmas.), o homem de inesgotável imaginação,



Câmara dos Deputados

Departamento de Taquigrafia, Revisão e Redação

Escrevendo a História - Série Estrangeira

como podemos comprovar no Brasil. Com que satisfação fui hóspede da casa que ele construiu, o Palácio da Alvorada.

E ao amanhecer – neste indescritível amanhecer de Brasília – encontrei na natureza a obra de Deus, mas também a presença do Le Nôtre dos tempos modernos, não de um Le Nôtre que construiu os jardins de Versalles para um monarca absoluto, mas um artista brasileiro: Roberto Burle Marx, que soube realçar as belezas da natureza deste país. (Palmas.)

Com estes três nomes, junto com o do falecido Presidente, permitam-me render homenagem a todos os que tiveram a ver com esta grande realização, que honra a América inteira, que é comentada em todas as universidades. Cheguei a Brasília como um velho amigo – depois de revisar revistas e livros, de escutar debates e polêmicas, para culminar minha vida, já no outono, praticamente na velhice e pouco antes de concluir minha tarefa governamental – para poder dizer: “Trouxe a mensagem democrática do Peru e levo a mensagem artística e histórica do Brasil.” (Palmas prolongadas.)